

TREECE, David. **Exilados, Aliados e Rebeldes: o movimento indianista, a política indigenista e o Estado-Nação Imperial**. São Paulo: Nankin Editorial/Edusp, 2008.

Ana Claudia Magalhães Pitol*

O argumento de *Exilados, Aliados e Rebeldes: o movimento indianista, a política indigenista e o Estado-Nação Imperial*, segundo David Treece¹, assenta sobre um paradoxo, uma vez que o processo destrutivo sofrido pela população indígena ao longo da história do Brasil não combina com o perfil destacado do indígena na tradição do pensamento nacionalista brasileiro. Nesse contexto, segundo o autor, os responsáveis por esta celebração foram também responsáveis pelo maior movimento de nacionalismo cultural, coerente, durável e influente, antes do Modernismo: o movimento

* Aluna de graduação do curso de História da Universidade Federal do Paraná. Contato: anita_pitol@hotmail.com.

¹David Treece é chefe do Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros do King's College, em Londres, onde trabalha desde 1987. Seu livro *Exiles, Allies, Rebels: Brazil's Indianist Movement, Indigenist Politics, and the Imperial Nation-State* foi editado pela primeira vez pela Greenwood Press, em 2000. A edição aqui apresentada é de 2008, editada pela Nankin editorial e Edusp. A obra foi elaborada com base na tese de doutorado do autor, *The Indian in Brazilian Literature and ideas (1500-1945)*.

indianista. No entanto, este paradoxo não passou despercebido a esses autores, tornando-se o ponto central de suas obras.

Exilados, Aliados, Rebeldes propõe colocar os autores indianistas em diálogo com as realidades políticas ou sociais brasileiras, num movimento inverso ao que apontavam as explicações tradicionais deste movimento que separavam a cultura do debate político, “como se uma linha divisória pudesse simplesmente ser traçada entre o índio ficcional da imaginação romântica e as comunidades tribais contra as quais o Império declarou guerra repetidamente, desde suas origens”.² A hipótese sustentada pela obra é a de que estes três fenômenos, a história da política indigenista oficial, a identidade sócio-política contraditória do Estado-nação brasileiro e a construção de um índio ficcional no imaginário nacional, “encontram-se intimamente ligados um ao outro e compartilham um núcleo comum: a preocupação com a integração”.³ Em *Exilados, Aliados, Rebeldes*, encontram-se três aspectos bem importantes que possibilitam colocá-lo em diálogo com a prática interpretativa novo historicista, ou mesmo, dentro deste campo da Nova História Cultural. Em primeiro lugar, a defesa do autor quanto à inevitabilidade da atuação; em segundo, sua defesa de que as influências estrangeiras não eram simplesmente absorvidas sem

² TREECE, David. *Exilados, Aliados, Rebeldes. O movimento indianista, a política indigenista e o Estado-Nação Imperial*. São Paulo: Nankin Editorial/Edusp, 2008, p. 18.

³ *Idem*, p. 14.

nenhum filtro pelos autores brasileiros e, por último, a desconstrução dos cânones da literatura indianista através de sua contextualização e diálogo com outras obras tidas como “menores”.

A atuação dos escritores analisados por Treece, como aponta sua hipótese, não pode ser separada do debate político que permeava a sociedade. Porém, o autor pretende que sua abordagem historicista não se torne mecânica ou reducionista em relação às obras examinadas como se fossem um simples reflexo documental de determinadas realidades sociais pressupostas *a priori*. Sua obra visa “questionar a dicotomia entre o social e o estético, as dimensões ‘externa’ e ‘interna’ do processo literário, evitando tratar a obra de arte como mero epifenômeno do mundo social”.⁴

Quanto às influências do Romantismo e de autores estrangeiros, claro está que não podem ser negadas, mas devem ser medidas, pois, de acordo com o autor, tais influências foram relidas e adequadas ao contexto histórico do movimento, ou seja, adequadas à visão de mundo dos autores. Dessa forma, o movimento indianista não pode ser visto somente como uma expressão do Romantismo europeu em terras brasileiras.

Por fim, é preciso ressaltar que a proposta de Treece é desconstruir um dos aspectos da análise até então feita do movimento indianista, a qual supõe que José de Alencar possa ser considerado suficientemente representativo de todo o movimento. Para isso, busca apontar as outras vozes, múltiplas e contraditórias, que

⁴ *Idem*, p. 17.

compõem o discurso coletivo do indianismo e de autores individuais que conscientemente interferiam no processo social.

Para realizar sua análise o autor busca o apoio de disciplinas além da literatura, como a história, a antropologia, e a política. A antropologia é uma base importante para a construção da análise de Treece. A abordagem antropológica de autores renomados como Florestan Fernandes, Luis Donisete Benzi Grupioni e Curt Nimuendajú, por exemplo, fornecem as informações relativas às sociedades indígenas no período analisado.

Quanto à abordagem histórica da obra, é claro o esforço do autor em ultrapassar as fronteiras dos documentos literários para fundamentar sua hipótese. Porém, apesar de apresentar um domínio no que toca a arte brasileira, ao relacioná-la com a política e a história o autor comete alguns deslizos. Sair de seu campo de estudos e aventurar-se por outros traz consigo estes riscos, pois é muito difícil dominar todas as áreas do conhecimento com as quais trabalhamos com a mesma competência.

Primeiramente, o autor apresenta alguns juízos de valor ou palavras que podem ser consideradas anacrônicas para o período estudado, ao longo de todo livro, mas, com maior concentração no período pombalino, como por exemplo: “proletarização das grandes comunidades tribais”⁵ e “o regime totalitário do sistema de missões”.⁶

⁵ *Idem*, p.70.

⁶ *Idem*, p.72.

Além disso, a bibliografia utilizada pelo autor poderia incluir obras mais recentes, visto que, o diálogo se estabelece principalmente com obras da década de 70 e 80, num livro editado pela primeira vez em 2000. Essas obras, é claro, não podem ser deixadas de lado, mas poderiam somar-se a estudos mais recentes.

No entanto, a obra de Treece traz uma grande contribuição para o estudo da literatura indianista por colocá-la em seu contexto histórico, desconstruindo assim interpretações que privilegiavam apenas alguns autores e trazendo à cena outros que até então estavam à margem dessas interpretações. Dessa maneira, as obras indianistas não são vistas apenas como obras de arte, mas são colocadas em diálogo com as disputas sociais e políticas de seu período de produção. Esta forma de análise torna *Exilados, aliados e rebeldes* uma ótima opção tanto para os interessados pela literatura indianista, como para os que se dedicam ao estudo da sociedade no período abordado pelo autor.